

DA CIVÍTICA COMO APRECIÇÃO ESTÉTICA DA VIDA*On Cívica as aesthetic assessment of life*DIOGO FILIPE SANTOS MOURA¹

RESUMO: Esse trabalho visa apresentar o termo *cívica* criado pelo filósofo Régis Alain Barbier para o desenvolvimento de um pensamento ético panteísta voltado para uma apreciação estética da vida e para a liberdade das ações baseadas em determinadas formas de postura diante da vida e de pensamento interdependente. Partindo de princípios filosóficos distintos, esse texto visa uma análise e uma correlação dos princípios envolvidos na *cívica* com a filosofia e com o panteísmo de uma maneira geral, tais como o princípio da *homeostase* relacionado à *doutrina aristotélica das virtudes*, e o princípio de *eco-humanismo* atrelado ao conceito de *autopoiesis*. Essa correlação de termos pertencentes, em princípio, visa lançar luz sobre o conceito de uma *cívica panteísta* para a apreciação de uma proposta ética baseada em importantes princípios filosóficos, de posicionamento distinto e que se faz necessária para a reflexão cotidiana a nível micro e macrocósmico para os que buscam a realização de uma vida boa interconectada com os princípios cósmicos da Natureza. Este trabalho visa, primordialmente, lançar luz às reflexões daqueles que buscam a bem-aventurança como modelo de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Cívica. Panteísmo. Autopoiesis. Bem-aventurança.

ABSTRACT: This paper presents the term *cívica* created by the philosopher Régis Alain Barbier for the development of a pantheistic ethical thinking back to an aesthetic appreciation of life and freedom of actions based on certain forms of attitude to life and interdependently thought. Starting from different philosophical principles, this paper aims to examine and correlation of the principles involved in *cívica* with the philosophy and pantheism in general, such as the principle of homeostasis related to the Aristotelian doctrine of virtue, and the principle of eco- humanism linked to the concept of autopoiesis. This correlation of belonging terms, in principle, aims to shed light on the concept of a pantheistic *cívica* for consideration of an ethical approach based on important philosophical principles, distinct positioning and that is necessary for everyday reflection micro and macrocosmic level those who seek the realization of a good life interconnected with the cosmic principles of nature. This paper aims primarily to shed light reflections of those who seek the bliss as a model of life

KEYWORDS: Cívica. Pantheism. Autopoiesis. Blessedness

¹ Mestre em Filosofia pela UFPI – Universidade Federal Do Piauí, Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI e da Universidade Aberta do Brasil – Piauí UAPI

Depois de muito fortuita e longamente ter se discutido no *encontro I encontro internacional Panteísta*, ocorrido em Recife no ano de 2014, a metafísica que rege a busca panteísta pela plena bem-aventurança, chega o momento dos simpatizantes dessa filosofia tão marginal assumir a tarefa de adentrar num campo não menos de difícil trânsito do que o desafiador campo de possibilidade de uma ética-estética de vida derivada da postura *cívica*. Durante essa década de encontros, palestras, seminários, cafés filosóficos, etc, muito conhecidos e bem explanados foram os termos e o eixo metafísico que rege a filosofia panteísta divulgada pelo *Instituto Universo Panteísta* principalmente por meio de seu fundador, o filósofo e psiquiatra franco-suíço Régis Alain Barbier. Essa liberdade filosófica que nos permite, agora, perspectivar uma ética panteísta que tem na *cívica* seu provisório acontecimento. Esse termo tem sido desenvolvido por Régis Alain Barbier em um panteísmo filosófico que reúne características muito peculiares, como o são todas as espécies de panteísmo filosófico e busca, fundamentalmente, pensar uma ética voltada para a liberdade e apreciação estética da vida.

Dois pilares foram firmados ao longo das discussões panteístas em geral, e também a partir dos escritos do filósofo Franco-brasileiro Régis Alain Barbier, que nos proporcionarão a base para o caminho misterioso e mágico da autorrealização: o primeiro pilar se erigiu a partir da possibilidade de um recomeço de pensamento e postura de vida a partir da decisão firme de encarar a visão panteísta de que pertencemos e somos a natureza em todos os seus aspectos, um micro e macrocosmo interdependenteⁱ, conectado a infinitas redes que se perdem na infinidade do tempo. O outro pilar é o que sustenta a possibilidade de uma constante remodelagem de si a partir da liberdade dessa visão de existência, o que Régis Barbier apontou muito bem como sendo uma *autopoiesis*ⁱⁱ. A partir dessas bases de sustentação de sentido gostaria de propor pensarmos como força para essa *autopoiesis* o conceito de *homeostase*ⁱⁱⁱ. Esse termo permite a conotação existencial de caráter natural, panteísta, e que será a saúde, o vigor e o entusiasmo que suportará a postura pós-cívica, a postura definitivamente estética de fruição da natureza em sua multiplicidade infinita de aspectos a cada momento do tempo instantâneo, seu aspecto esférico abrigador de todas os sentidos ou, a condição de fruição do belo^{iv}.

O livro *Ética a Nicômaco* do grande filósofo Aristóteles (séc. V A.C) propõe como finalidade de uma ética a busca por um equilíbrio perfeito [doutrina do justo meio (*mesotés*)], do qual emanaria uma postura magnânima^v (*megalopsikós*) que seria não o resultado, mas a própria *eudaimónia*, termo grego que comumente é traduzido por felicidade, autorrealização. O que proponho aqui é que se retome o pensamento teleológico acerca de uma ética para que se fundamente a busca panteísta pela autorrealização que uma *cívica* proporcionaria aos praticantes

e meditadores panteístas centrados no foco eco-humanista, e que esta postura *cívica* é o estado de equilíbrio que pode vir a efetivar uma ética estética de pleno usufruto das capacidades realizadoras que cada ser possui.

Proponho que a partir de agora passemos a pensar a *cívica* como a postura que conduzirá ao equilíbrio dinâmico do estado-de-ser por meio de abertura à criatividade do cuidar de si, que estará acompanhada de uma *homeostase*. Esse equilíbrio, ligado à forma como cada um o busca e o constrói, deverá redundar num estado estético nascido da autocriação, levando à plenitude de experimentar cada pedaço da existência de forma vigorosa, sábia e bela por si mesmo.

Tratar da possibilidade de uma ética que sustente efetivamente um estado-de-ser belo e vigoroso já foi objeto de trabalho de filósofos tão gloriosos como Aristóteles, Schelling e Baruch Espinosa, o que deve nos ofertar a luz que nos guie nesse caminho obscuro e difícil. O recente debate e esclarecimento do termo *cívica* cunhado por Régis Barbier para definir os rumos de uma *política eco-humanística- panteísta* é pertinente na medida em que aprofunda e abrange o uso desse termo de uma perspectiva panteísta, o que me permitiu cunhá-lo a partir deste sentido. Pelo que se nos apresenta, no momento, a possibilidade de assumirmos tal ética nos está à vista, sim.

Ora, a partir da metafísica desenvolvida na obra *Essência e perspectiva metafísica em psicoterapia* sabemos que tudo aponta para a possibilidade de se cultivar tal ética, possibilidade que, segundo Barbier “nos é oferecida por meio do cultivo de ações geradas e alimentadas por pensamentos e valores ponderados, senso de justiça aliados à força do amor pelo existir”. (BARBIER, 2016) Gostaria de retomar a discussão de um termo, como bem definiu Barbier, e por sua definição – a partir da possibilidade desse eixo de congruência entre ser e estar com as mais profundas e efetivas forças da natureza – pode estar contida no conceito de *autopoiesis*. Esse termo foi proposto pelos cientistas chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela para designar a capacidade *autocriativa* da vida em seus mais diversos estados e suas mais diversas interações com o meio ambiente num processo esférico de retorno recíproco. Essa perspectiva nos permite pensar uma radical aproximação e copertença entre os processos orgânicos e os processos epistemológicos no desenrolar da vidas dos seres. Essa perspectiva multidinâmica da vida nos permite pensá-la de uma forma mais completa, pois integra processos de vida naturais e desenvolvimento cognitivo de faculdades essenciais para a vida e a cooperação e convivência humanas. Numa referência e homenagem ao grande filósofo grego Aristóteles gostaria de propor pensarmos a *autopoiesis* em sua profunda relação com a *homeostase* visando reproduzir a doutrina do equilíbrio (*mesotés*), num movimento de *homeostase autopoietica* como via para o equilíbrio e harmonia entre ser e natureza por nós almejado (*Télos*). Vislumbrar a tarefa de pensar a ética

panteísta a partir da civítica é a admissão de que tal reflexão pertence tanto às nossas relações intimistas como públicas. O que é e como se dá a possibilidade de apreensão da relação harmônica preestabelecida entre homem e natureza, entre estado-de-ser e ser (Natureza) que a filosofia panteísta oferece? O termo *Homeostase autopoietica* pode ser definido como uma vigorosa saúde criada a partir de si mesma (*poiesis*) que emana de um ser em congruência com seu ambiente e, logo, com a natureza.

Uma especial ênfase nesse termo serve para nos apontar o pensamento de que uma saúde bem estabelecida emana do foro intimista do estado de ser para o social e vice-versa, estabelecendo a dialética harmônica entre *ser-si* e *ser-com-o-mundo*, que forma uma *unidade copertencente* de uma postura coerente de força, fluidez, verdade e beleza diante do mundo que se assume como a vida plena. Em outras palavras, poderíamos falar de um vigor belo de existir, que emanaria de um equilíbrio saudável de si, inevitavelmente tornaria o ambiente ao redor da mesma forma, de forma que tal equilíbrio saudável reproduzido em escala social necessariamente deve levar ao estado de convivência civítica. Chegando-se ao pleno exercício da civítica poderemos pressupor o estado estético de autorrealização como busca panteísta pelo *conhece-te a ti mesmo* e ao cosmos.

O que está em jogo aqui é a difícil compreensão de um muito conhecido, complexo movimento perpetrado pelas forças cósmicas: a copertença de homem e Natureza, ou Deus e Natureza numa unidade de liberdade ética-estética. A estética deve emanar da Civítica e da Civítica deve emanar reciprocamente uma estética, um movimento de unidade que não pode ser pensado jamais sob a ótica do procedimentalismo, característico das propostas éticas modernas positivistas e judaico-cristãs. Chamo de procedimentalismo ético o esquema puramente racional que determina que alguns tipos de ações levarão a tais e tais resultados, ou ainda que de tal procedimento deverá brotar tal resultado. Isso é um inequívoca ilusão, só permitida ao pensamento binário da razão da metafísica calculadora, não à unidade do monismo panteísta relativístico. A dificuldade que aparentemente pode brotar durante a busca de se entender esse descentramento racionalizador do sujeito psicológico, deslocar a noção de “eu”, “mim”, se deve à formação societária que sofremos em nossa desnaturação social, uma desorientação que não permite pensarmos fora de esquematismos logísticos que visam um objetivo imediato, fardo do dia-a-dia na luta pela sobrevivência. Para podermos bem compreender como se dá a unidade ética estética do panteísmo podemos contar que ela acontece, dentre muitas, de duas formas que gostaria de destacar: pelo hábito, impulsionado por um coração sincero e por um “estalo” do espírito, um “salto mortal” do espírito, uma virada repentina que descortina a verdade (Goethe)!

Um movimento está ligado ao outro também, indissociavelmente. O salto acontece e gera a busca, e a busca impulsiona até o momento repentino do salto.

Pensar *autopoiesis* e a homeostase como via possível para um *ethos estético* autorrealizador passa também pela tarefa de se pensar um modelo social onde se superam e se descentralizam as representações partidárias das melhores decisões a serem tomadas para o bom funcionamento do público, algo que tem causado um profundo mal-estar na civilizações herdeiras de modelos de superestratificação. Como nos sugere Barbier^{vi} “as relações sociais aconteceriam em consonância com esse sistema solidário e harmonioso de princípios operantes, ou *ethos*. *Ethos*[*éthos,ous*].”

Retomando a definição grega original da palavra *ἦθος* (*éthos*), ela nos vem à luz como lugar do abrigar humanos. Um abrigo é um lugar que necessariamente deve possuir um piso e um teto. Esse piso e o teto humanos podem ser justamente propostos como as balizas para a sustentabilidade da rede humana, que deveria inverter os valores e se tornar muito mais cooperativa do que competitiva. O que já nos mostra os organismos cooperativos, muito mais estáveis e duradouros do que os competitivos, é que esse tipo de relação de cooperação faz parte de uma forma de vida mais prática. Como baliza para a convivência harmoniosa gostaria de propor como o eixo cognitivo o que Regis Barbier tem tratando até aqui e que parecem compor o eixo ético de nossa doutrina: as quatro virtudes cardeais. Retomar o argumento da quaternidade, o de um eixo ético como baliza para um *ethos* panteísta é a missão e a sagrada busca dos viajantes ermos do cosmo misterioso. O equilíbrio homeostático referido nesse texto passa pela compreensão panteísta da copertença entre Cívica e estética, que será a mesma de homem e Deus, ou seja, a Natureza. Compreender os modos de ser do homem e, conseqüentemente, da Natureza, do ser si mesmo, poderá se apresentar como o caminho da liberdade para a ética panteísta cívica. O *ethos esteticus* panteísta surgido de uma postura cívica, entendido como piso e teto humanos de um abrigo cooperativo e copertencente se faz necessário diante das grandezas e mistérios abissais da natureza muito respeitados, amados e buscados pelos livres panteístas que amam beber da fonte que eternamente *desce daquele monte, ainda que seja de noite*.

Com o entusiasmo de retomarmos essa busca, tomemos como gloriosos guias os que vieram antes de nós, pois a quaternidade do ser, ou seja, da natureza, a terra, o céu, a vida e a morte, esse piso e teto do verdadeiro panteísta, sua casa, é almejado como essa ética-estética que já estava muito bem representada como ética cosmológica para os filósofos originários da antiga Grécia na gloriosa visão grega do éter, o palco dos astros, e pelas forças ctônicas, o ventre de gaia de onde é gerada a força criadora autopoiética da *physis*^{vii}; Essas forças estavam também nos deuses olímpicos de divina beleza, força e sabedoria e também nos homens, criaturas criadoras sempre em face da abissal finitude, buscando a imortalidade – prerrogativa divina – por meio dos

grandes atos e grandes pensamentos. Esse ser destinado à beleza, que de tantas possibilidades abertas a ele escolhe a de sempre se transmutar em serpente e águia como o fez o Zaratustra de Nietzsche, que entre todas as tentações do deserto^{viii} escolheu a liberdade de viver belamente, esse viver que sente a potência ctônica das profundezas da terra e se enroscarem com *Igdrasil*, a serpente do mundo. Como um rio que corre pro mar, esse homem, uma vez achado nas profundezas perdidas de si mesmo, aquela criança que tinha vigor alegre, uma vez redescoberta escolhe ondular ao ritmo da dança cósmica de Shiva e também de *quetzacoalt*, a serpente emplumada de penas coloridas como cauda de pavão^{ix}, pois a fusão de todas as cores é a unidade do branco, a unidade multicolor do coração dos Brancos cavaleiros trovadores de Provença e sua heráldica poética cavaleiresca, branco da paz, branco da clareza.

Uma força deve surgir do espírito do panteísta para que ele busque compreender a misteriosa relação de pertença das forças cósmicas antagônicas que regem do micro ao macrocosmo. Para que haja todas as cores, é necessária a não-cor, remetendo à copertença de ser e nada que equilibra o universo num compasso de dança tão bela que vai além de quaisquer palavras e, por isso, foram tão formidáveis os taoístas chineses que desenharam o yin-yang, o compasso cósmico de ser e não-ser, ser, entre criação e destruição, entre vida e morte, entre céu e terra. Dos mesmos chineses taoístas vem a nós a lembrança do poderoso dragão *Yuan-shi tian-zong*, que na lenda emerge das profundezas da terra e sobe aos céus para resguardar os tesouros da alma, pois o sabem as potências ctônicas do infinito fechado da terra e o sabe também do infinito aberto do céu, onde brilham habitam as estrelas com seus incansáveis fulgores.

REFERÊNCIAS

BARBIER, Régis Alain. **Essência e perspectiva Metafísica em Psicoterapia**. Recife: Ed. Do autor, 2011.

_____. Série : **Divergência etho-cultural**. Disponível em: <http://www.iup.org.br/>, Recife: 2016.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. Organização e tradução Cristina Magro, Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo horizonte, MG: Ed. UFMG, 1997.

NOTAS

ⁱ Há um famoso adágio alquímico que diz: “o que está embaixo é como o que está no alto”, que se refere a esta perspectiva do multidimensionamento humano, onde o micro e o macrocosmo são copertinentes. Essa é uma alegoria que se contrapõe à ideia do filósofo sofista Protágoras de Abdera que dizia que “o homem é a medida de

todas as coisas” porque, enquanto a visão de Protágoras se refere a um modelo humano perspectivado geometricamente a partir de um ponto (início da matemática, o pós-zero), onde a determinação das grandezas estava ligada a esse ponto (o homem), a visão de alguns alquimistas se refere a uma perspectiva humana esférica, multidimensional, onde não há esse ponto determinante a partir do qual se estabelecem as grandezas e sentidos do cosmo, mas todos os pontos, em suas infinitas possibilidades de grandeza, estão conectados e se co-pertencem. Essa perspectiva esférica de homem, desvinculada da visão euclidiana de mundo (matemática), que é a dominante há muito tempo em nossa cultura, a meu ver, está mais de acordo com o sentido panteísta e ecológico atual das relações e sentidos de mundo que se faz necessário.

ⁱⁱ significado desse termo já foi explanado no primeiro artigo da série sobre a *cívica*, escrito por Régis Barbier e está disponível na página Universo Panteísta.

ⁱⁱⁱ Termo cunhado pelo fisiologista americano Walter Cannon que significa o constante equilíbrio entre as mais variadas funções nos seres vivos, equilíbrio dinâmico de autorregulação que torna todas as partes da existência de algo inter-relacionadas, propriedade dos seres vivos.

^{iv} Esse “télós” da fruição da beleza foi objeto de busca de muitas culturas, como a chinesa, em suas inumeráveis fábulas sobre o segredo da flor de ouro, e a grega, que tinha como ideal, desde os tempos homéricos até os filósofos epicuristas do período helenístico, o *kalos agathós*, a beleza da virtuosidade e também era cultivado pelos romanos, o os imprimiam por meio de técnicas, abordadas pelo filósofo francês Michel Foucault em muitos de seus trabalhos como o “cuidado de si” que os antigos praticavam.

^v Ao tratar da finalidade da ética, Aristóteles fala do *megalopsykós*, onde o antepositivo da palavra, no grego clássico, indica magno, de magnanimidade. A partir desta característica, descreve como seria essa postura nobre. É uma boa questão acadêmica a discussão investigar em que medida tal ideal ético de Aristóteles está vinculado à sua própria cultura, aristocrática, escravista, patriarcalista, à época da decadência política e filosófica de Atenas, onde experimentaram a amarga perda da democracia, caíram sob a tirania e, finalmente, sob o domínio macedônio, e em que medida o filósofo se refere aos próprios ideais da cultura grega em geral e dos velhos valores vinculado aos semideuses homéricos.

Um exemplo é o famoso imperativo categórico do filósofo idealista alemão Immanuel Kant (sec. XVIII), artifício racional que postula uma ética baseada num imperativo racional em forma de axioma maior, uma espécie de lei ética. Cf. a noção de Imperativo categórico na obra *Crítica da Razão pura*, onde o filósofo, de orientação cristã pietista, busca conciliar três tradicionais dimensões da investigação humana da filosofia ocidental, a saber, a investigação crítica da dimensão psicológica, teológica e cosmológica que buscam responder racionalmente três questões éticas e epistemológicas fundamentais; o que posso fazer? O que posso saber? O que posso esperar?

^{vi} Cf. Barbier, Régis Alan. *O ethos panteísta*.

^{vii} Termo grego que significava a capacidade geradora e destruidora da natureza, objeto de estudo dos velhos filósofos cosmologistas pré-socráticos do século VII a.c. Embora Sócrates seja conhecido como o primeiro filósofo da consciência moral, o homem não era destituído de valores éticos por esses antigos filósofos, a diferença com relação à reflexão ética dos pós-socráticos era a visão holística que os antigos tinham de homem e natureza como unidade copertendente, por isso as investigações sobre a *physis* tinham prioridade, pois o homem era “assim como a natureza”. Espinosa irá retomar esse copertencimento de homem e natureza, deus e natureza, deus e homem o que caracteriza seu monismo.

^{viii} Uma passagem bíblica do Novo Testamento (a que menciona o retiro de Jesus de Nazaré pro deserto pra ser atentado pelo demônio) remete à importante e difícil decisão na hora da transmutação, que ocorre em algum momento da vida aos buscadores verdadeiros da perfeição espiritual. Essa decisão é escolher entre viver os artifícios do poder, do dominus, da glória das conquistas que a riqueza traz e a sutileza da vida frugal, estética e artística com um significado único, diferenciado.

^{ix} Cauda pavonis é um dos estados alquímicos de transubstanciação da alma marcado por um estado de espírito multicolor que vez ou outra surge aos meditadores em suas concentrações, que representa psiquicamente o poder sentir a multiplicidade de possibilidades abertas no cosmo à nossa vida humana, um vigor multicolorido, estético. Segundo os escritos alquímicos, por força do buscador, todas as cores devem se fundir em uma unidade que forma o branco de estado de albeolo, estado de clareza e paz. A conhecida lenda de que no fim do arco-íris há um pote de ouro faz referência ao estado de cauda pavonis. Ver: Jung, Karl Gustav. *Psicologia e alquimia*. São Paulo: Companhia das letras, 20.